



Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos Empresa Editora: Tip. "União Gráfica", T. do Espinho, 15-Lisboa Administrador: P. António dos Reis Redacção e Administração "Santuário da Fátima,"

FÁTIMA — admirável epopeia de fé

«Virgem Santíssima da Fátima! Se todos os povos vos devem gratidão imensa, maior é a nossa, porque esta pátria, nascida sob a vossa protecção maternal, tem vivido e realizado a sua esplêndida missão através dos séculos, só com o vosso auxílio e amparo.»

(Da tocante invocação à Santíssima Virgem composta pelo venerando Prelado de Leiria e por ele recitada no fim da bênção do Santíssimo Sacramento aos peregrinos por ocasião da grande peregrinação diocesana de Leiria, no dia treze de Agosto de 1933).

Corria o ano de 1917, que devia ficar assinalado como um marco miliário nas páginas gloriosas e imortais da história da Igreja em Portugal.

Aproximava-se o dia treze de Outubro, tão ardentemente desejado por milhões de almas crentes e piedosas.

Dum extremo ao outro do país propagava-se com extraordinária rapidez a boa nova de que a excelsa Padroeira da nação volvera os olhos misericordiosos para os seus vassallos e, num prodígio de bondade e de amor, se dignara aparecer e dirigir a palavra a três humildes e inocentes crianças, fazendo-lhes importantes revelações e misteriosas confidências. A medida que os dias se iam sucedendo, a benévola expectativa convertera-se em intensa e ardente ansiedade.

Só o clero se conservava inteiramente alheio ao que se passava, mostrando uma indiferença absoluta, quando não uma hostilidade manifesta, em face dos acontecimentos que se iam desenrolando na Cova da Iria.

A protagonista das aparições, Lúcia de Jesus, hoje Irmã Maria Lúcia de Jesus, religiosa professa do Instituto de Santa Doroteia, afirmara, com a cândida simplicidade dos seus dez anos, que a Virgem Santíssima tinha prometido fazer no dia da sexta a última aparição um milagre — o *signal de Deus*, como ela lhe chamava na singeleza da sua linguagem de aldeã rude e ignorante, — para atestar a sinceridade dos videntes e garantir a verdade das suas declarações.

A notícia propaga-se, rapidamente, mas sem ruído, por toda a parte, de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, de casal em casal, coada através de narrativas mais ou menos exatas, transmitidas de boca em boca, acerca das aparições e dos sucessos maravilhosos.

E o mistério em que essa notícia se envolve, empolgando as almas seduzidas pelo encanto do sobrenatural, torna mais crível ainda essa notícia a que a imprensa não empresta a luz da publicidade e que nenhuma empresa procura fazer conhecida com sóbrio ou espalhafatoso *réclame*.

O maravilhoso *signal de Deus* apareceu efectivamente no céu, rasgando as nuvens e assombrando as multidões que caíam de joelhos, chorando e rezando.

O prodígio anunciado pelos videntes realizou-se no dia e hora indicados, e o seu eco foi tão retumbante que se ouviu por toda a bendita terra de Portugal e para além das fronteiras até aos confins do mundo.

Desde então o caudal das peregrinações cresce e avoluma-se cada vez mais, transformando-se numa torrente impetuosa que despeja sem cessar no recinto sagrado das aparições milhares e milhares de almas impulsadas por uma fé viva e por uma piedade ardente.

E hoje, a Cova da Iria, que tem sido teatro de tantas scenas admiráveis e de tantas maravilhas divinas, manancial inexgotável de graças e de bênçãos celestes e foco ardente de luz, conforto e vida sobrenatural, acha-se convertida num lindo cantinho do Céu na terra, onde as almas que sofrem e as almas que choram, as almas que trabalham e as

almas que penam, as almas sequiosas de paz, de verdade e amor, vão buscar lenitivo para as suas dores, consolação para as suas lágrimas, alívio para os seus trabalhos, satisfação plena e perfeita de todas as suas mais nobres e mais legítimas aspirações.

O dia doze em Fátima

As primeiras horas da manhã do dia doze, já se viam, no recinto sagrado das aparições, numerosos peregrinos. Uns procediam de Fátima e das povoações circunvizinhas, outros vinham de mais longe, e alguns até dos pontos mais distantes do país. Guardas avançadas do inumerável exército de crentes, que no dia seguinte havia de realizar as grandes manobras gerais no campo dos exercícios espirituais de Fátima, esses piedososromeiros aproveitavam os momentos de menor ruído e movimento, mais propícios à oração e à meditação, para fazerem tranquilamente as suas devoções, no meio de maior recolhimento e fervor.

É um facto perfeitamente averiguado que muitas almas amantes do silêncio e da solidão preferem encontrar-se no grande Santuário da Virgem sós ou quasi sós para renderem, em paz e sossego, longe das vistas indiscretas das multidões, a homenagem da sua veneração, do seu amor filial e do seu reconhecimento, à gloriosa Padroeira e Rainha de Portugal. E assim osromeiros acorrem ininterruptamente a Fátima para fazerem um estágio dalguns dias ou passarem pelo menos algumas horas em doce retiro espiritual, nessa mansão privilegiada do Céu.

Ao cair da tarde, as imediações de Fátima tomam um novo aspecto. São os primeiros contingentes da enorme massa de peregrinos que veem já pressurosos a caminho da Cova da Iria. Nas estradas é um vai-vem contínuo, circulando nelas a cada instante automóveis e *camionnettes*.

Tudo se prepara para a procissão das velas, primeiro acto colectivo das manifestações de fé e piedade da peregrinação mensal durante o período do ano correspondente ao das aparições.

A noite de véspera

Cerca das dez horas da noite, começou na capela do pavilhão central a recitação do terço, presidida pelo rev.^{do} Manuel do Carmo Gois, pároco da freguesia da Barreira, Leiria, que para esse efeito ocupava o púlpito móvel situado do lado da Epístola.

Rezado o terço, efectuou-se a procissão das velas que decorreu com a maior ordem e regularidade, seguindo o percurso do costume e cantando os peregrinos com entusiasmo e fervor o *Avé de Fátima*.

No fim da procissão das velas, a multidão dos peregrinos, reinida de novo no mesmo local donde tinha partido, entoou o *Credo*, dando assim, num cântico colossal, testemunho público e solene da sua fé, sincera, viva e ardente.

É meia-noite. Vai dar-se início à cerimónia, sempre tão piedosa e tão comovente, da adoração nocturna.

As primeiras duas horas são destinadas à adoração e reparação nacional.

O rev.^{do} Manuel Pereira da Silva, secretário da Câmara Eclesiástica de Leiria, faz a exposição do Santíssimo Sacramento. O rev.^{do} Manuel do Carmo Gois preside à recitação do terço, durante a qual se meditam os mistérios dolorosos do Rosário. O rev.^{do} dr. Galamba de Oliveira, professor de ciências eclesiásticas no Seminário de Leiria, faz uma prática no intervalo de cada dezena, comentando o respectivo mistério.

O segundo turno da adoração nocturna é formado pela peregrinação de Idanha-a-Nova e por uma numerosa representação do Seminário Patriarcal dos Olivais.

A este turno seguem-se mais duas horas de adoração, respectivamente das três às quatro e das quatro às cinco: a da peregrinação de S. Julião de Setúbal e a da peregrinação da freguesia da Serra (Tomar).

Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, que se encontrava no Santuário desde a ante-véspera à noite, assistiu junto do altar até ao fim à cerimónia da adoração nacional.

Seminário dos Olivais

A nota característica da peregrinação de Setembro ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima foi a presença duma numerosa representação do Seminário de Teologia do Patriarcal nos actos religiosos comemorativos da quinta aparição da augusta Rainha do Rosário aos humildes e inocentes pastorinhos de Aljustrel.

Obra maravilhosa de Sua Em.^{cia} o Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que pôs na realização dela todo o ardor do seu coração juvenil e todo o fogo da sua alma sacerdotal, cheia de zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas, esse auspicioso viveiro de futuros levitas do Senhor constituiu desde já uma esperança fagueira de melhores dias para a Religião nos vastos domínios do Patriarado Lisboense.

A deputação do Seminário Maior da diocese mais representativa do nosso país era composta dalgumas dezenas de alunos e tinha a presidência o seu ilustre Reitor Mons. Dr. José Manuel Pereira dos Reis, cônego arcebispo da Santa Sé Patriarcal de Lisboa, figura das mais eminentes entre o clero secular português.

Acompanhavam a deputação dois distintos professores do Curso Teológico, os rev.^{dos} Constant Hillion e Pascal Piriou, e o zeloso e dedicado economo do Seminário rev.^{do} João Nunes Ferreira, antigo assistente eclesiástico do benemérito grupo de Servos de Nossa Senhora de Fátima, de Tôrres Novas.

A presença dos seminaristas dos Olivais, que se distinguiram sempre pelo seu apuro e correcção e pela sua piedade, e a sua colaboração no canto litúrgico contribuíram em larga escala para imprimir às cerimónias religiosas do dia treze na Cova da Iria o realce e o brilho extraordinários de que foram revestidas.

As missas: duas missas solenes

Os sacerdotes peregrinos principiam a celebrar o Santo Sacrifício da Missa às cinco horas, depois da bênção do Santíssimo, que foi o remate da cerimónia da adoração nocturna.

As missas sucedem-se umas às outras, nos diversos altares do Santuário, sem

Ao Evangelho sobe novamente ao púlpito o rev.^{do} dr. Galamba de Oliveira que fala da devoção e amor filial que todos os cristãos devem ter a Nossa Senhora e se refere à solenidade do dia seguinte, a Exaltação da Santa Cruz, exortando todos os peregrinos a sofrerem com paciência e resignação à vontade divina as dores e tribulações da vida presente.



O Rev. Tomás Perancho, O. P. prégando na peregrinação de Setembro de 1933 em Fátima

solução de continuidade, até às dez horas. A esta hora, no altar do pavilhão central, canta-se a missa privativa da deputação do Seminário dos Olivais em que foi celebrante Mons. Pereira dos Reis, tendo como subdiácono o rev.^{do} João Nunes Ferreira e subdiácono o seminarista Serafim Ferreira Marques.

Comungaram a essa missa todos os membros da deputação do Seminário que assim solenizou a sua peregrinação ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima.

Ao meio-dia, depois da recitação do terço do Rosário e da procissão com a veneranda Imagem da Virgem-Aparecida, começou a missa dos doentes, cujo celebrante teve como ajudantes os srs. Tenente-Coronel Pereira dos Reis e Rui Cordovil.

No fim da missa o rev.^{do} Tomás Perancho, membro da ilustre e benemérita Ordem de S. Domingos, de nacionalidade espanhola, que tinha vindo a Fátima pela primeira vez, dirige a palavra aos peregrinos, traduzindo em linguagem viva e entusiástica as impressões que toda a alma crente sente em Fátima, no local bendito das aparições.

Diz que em Fátima todos se sentem irmãos, porque se reconhecem filhos de Deus e filhos de Maria, que ali se encontra a paz, a verdadeira paz, que o mundo debalde procura alcançar com a força dos seus canhões e com as lucubrações dos seus congressos e, finalmente que, em face das perseguições, de que a Religião Católica é alvo, e que resultam inúteis, como prova a história contemporânea de França e de Portugal e

